

# **FUTEBOL E SERTÃO: OS SIGNIFICADOS DO TORNEIO BAPE EM JUAZEIRO-BA E PETROLINA-PE NA DÉCADA DE 1970**

Francisco Demetrius Luciano Caldas<sup>1</sup>

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo compreender os significados socioculturais de um torneio futebolístico ocorrido nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, na década de 1970, denominado BAPE, sigla dos estados da Bahia e Pernambuco, a partir da imprensa local. Inspirado pela Nova História Cultural, os jornais foram nossa fonte de pesquisa e o tratamento dos dados realizado pela análise documental. As matérias revelaram o quão importante foi o torneio para estas cidades por ser uma iniciativa inédita que consistia em opor suas equipes de futebol amador, ritualizando sentimentos de vizinhança e rivalidade entre as cidades, compondo uma agenda esportiva no âmbito do lazer para o Vale do São Francisco.

**Palavras-chave:** futebol; significados; Juazeiro-BA; Petrolina-PE.

## **Soccer and backlands: the meanings of the BAPE tournament in Juazeiro-BA and Petrolina-PE in the 1970's**

**Abstract:** This article aims to understand the socio-cultural meanings of a soccer tournament that took place in the cities of Juazeiro-BA and Petrolina-PE, in the 1970's, called BAPE, an acronym for the states of Bahia and Pernambuco, from the local press. Inspired by the New Cultural History, newspapers were our source of research and the data treatment carried out by documentary analysis. The documents revealed how important the tournament was for these cities for being an unprecedented initiative that consists of their amateur soccer teams, ritualizing feelings of neighborhood and rivalry between cities, compounding a leisure sports agenda in the São Francisco Valley.

**Keywords:** soccer; meanings; Petrolina-PE; Juazeiro-BA.

## **Fútbol y sertão: los significados del torneo BAPE en Juazeiro-BA y Petrolina-PE en los años 70**

**Resumen:** Esta investigación tiene como objetivo comprender de la prensa local los significados socioculturales de un torneo de fútbol que tuvo lugar en las ciudades de Juazeiro-BA y Petrolina-PE, en la década de 1970, llamado BAPE, cuyo nombre designa las siglas de los estados de Bahía y Pernambuco. Inspirados en la Nueva Historia Cultural, los periódicos impresos fueron nuestra fuente de investigación y el tratamiento de los datos realizado mediante análisis documental. Estos artículos reflejaron la importancia del torneo para estas ciudades, ya que era una iniciativa sin precedentes que consistía en oponerse a sus equipos de fútbol aficionados, ritualizar los sentimientos de vecindad y rivalidad entre las ciudades, componiendo una agenda deportiva en el ámbito del ocio para la región.

**Palabras-clave:** fútbol; significados; Juazeiro-BA; Petrolina-PE.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano e doutorando do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. Petrolina, Brasil. E-mail: demetriuscaldas@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor Dr. Adjunto da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Brasil. E-mail: bruno.abrahao@ufba.br.

## Introdução

O futebol enquanto elemento da cultura e identidade nacional disseminou-se por todo o território brasileiro, dos centros urbanos aos rincões do país. Foi se espalhando pelo território brasileiro à luz de um modelo centrado nas regiões sudeste e sul, caracterizado como uma prática espetacularizada, profissional e midiática. Os lugares interioranos deste país de dimensões continentais passaram também a consumir e vivenciar este futebol a partir de suas versões mais populares e flexíveis, quando comparada às regras determinadas pela *football association*. Ganhou outras identidades, como futebol varzeano, de várzea, amador ou semi-profissional.

Nesse estudo, tomaremos como foco de análise as apropriações desta prática nas cidades vizinhas Juazeiro-BA e Petrolina-PE, situadas no Sertão nordestino às margens do Rio São Francisco. Embora separadas pela ponte Presidente Dutra, estão unidas por relações históricas nos âmbitos econômico, político e cultural estabelecidas entre as cidades. A partir da década de 1970, especificamente o ano de 1972, estas cidades protagonizaram um evento futebolístico denominado BAPE, cujo nome é composto pelas siglas de seus estados, Bahia e Pernambuco.

Teve o propósito de opor suas equipes de futebol amador, que na época vivenciavam momento singular da sua história, movimentando o cenário futebolístico local. O BAPE contou com a participação de diversos atores, no que se incluem as equipes constituídas pelos jogadores, técnicos, dirigentes, considerando-se também a atuação das torcidas, dos árbitros, dos organizadores, sobretudo por meio das ligas esportivas das cidades. Os admiradores do futebol, assim como jornalistas, empresários e membros dos poderes públicos municipais, também tiveram papel fundamental na constituição, na difusão e nos desdobramentos do evento. Suas edições estenderam-se até meados da década de 1990, encerrando suas realizações em 1996.

Estas cidades no período da década de 1970 desfrutavam de crescimentos econômicos advindos das políticas nacionais de incentivo a agricultura irrigada na região, constituindo o polo econômico Petrolina-Juazeiro (ORTEGA; SOBEL, 2007). Estes esforços que se iniciaram na década de 1960 estavam centrados em infraestrutura, irrigação e incentivo ao setor privado e terminaram por projetar Petrolina-PE nacionalmente no desenvolvimento econômico em detrimento de Juazeiro-BA. Este é o cenário socioeconômico em que o torneio BAPE se estrutura<sup>3</sup> entre duas cidades que vivenciavam a chegada de progressos econômicos. Se suas relações já estavam entrelaçadas por este viés, o futebol caracterizado amador praticado no BAPE, agora no âmbito das práticas culturais, estreitava ainda mais estes vínculos. Dessa forma, quem possuía o melhor futebol amador? Juazeiro ou Petrolina? Para entender este contexto é que nos questionamos quais os significados históricos e culturais que podem ser vislumbrados a partir da trajetória do BAPE na década de 1970 para estas cidades? Tomamos como campo de

---

<sup>3</sup> Existe um discurso no senso comum entre os habitantes das duas cidades, que remete a certa rivalidade histórica entre estas nos seus aspectos cotidianos. Uma espécie de disputa simbólica por quais delas possui as melhores condições de lazer, trabalho, educação e cultura. Esta é uma inferência dos pesquisadores por viverem na região.

análise os conteúdos produzidos pela imprensa escrita esportiva local acerca do torneio. Delimitamos a arco temporal da pesquisa na década de 1970 com o intuito de compreender o surgimento do BAPE no cenário esportivo local, quais teias de significados socioculturais desencadearam a gênese de um evento, que como afirmamos alhures, estendeu-se até meados da década de 1990?

Compreendemos esta pesquisa enquanto uma investigação histórica, uma vez que pretende construir um itinerário histórico em uma década e a interpretação de significados associados a partidas de futebol que opunha Petrolina e Juazeiro, metonimizadas nos times que representavam as cidades. Esta iniciativa situa-se no âmbito dos estudos históricos e socioculturais do esporte, entendido como uma ramificação da Nova História Cultural, que procurou privilegiar a importância das investigações das práticas corporais (BURKE. 2008).

Como fonte para acessar estes significados, optamos pelo jornalismo impresso; dois periódicos destas cidades: o *Jornal de Juazeiro*, de Juazeiro e *O Fharol* de Petrolina. O jornal de Juazeiro iniciou suas atividades no ano de 1972 e até o ano de 1973 se chamava *Tribuna do Povo*. Permanece funcionando atualmente com o nome de Diário da Região, localizado no centro comercial da cidade e com um acervo preservado. O Fharol é considerado um dos pioneiros na região, fundado em 1915, mantendo-se em circulação até meados da década de 1990. Não existem ações de preservação de seu acervo, com edições desorganizadas e em estado de deterioração. Não foi encontrada nenhuma matéria sobre ao torneio neste jornal referente à década de 1970 nas poucas edições encontradas no Museu do Sertão e na Biblioteca Municipal, ambos em Petrolina.

Encontramos um total de 14 reportagens no Jornal de Juazeiro referente à década de 1970, distribuídas nos seguintes anos: cinco reportagens do ano de 1973, duas de 1974, uma do ano de 1975, duas de 1977, três de 1978 e uma de 1979. Versavam principalmente sobre o contexto futebolístico local, as ligas esportivas nas suas relações e movimentações para as partidas do BAPE, resenhas a respeito de resultados de jogos e/ou atuação de jogadores e a organização do torneio. Para selecionar as reportagens utilizamos como critério de inclusão a referência ao nome do torneio BAPE no corpo do texto. Optar por impressos jornalísticos como fontes é reconhecer seu valor enquanto documento, mas também reconhecer seus limites. O jornal de Juazeiro por mais que tenha seu acervo organizado, as sessões esportivas não se apresentavam dentro de uma lógica ou sequência de publicação. Em determinado ano da década de 1970, nos deparamos com lacunas de meses sem nenhum espaço dedicado a notícias esportivas. Estas ausências se estendiam a um ano inteiro às vezes. Procuramos explicações com a direção do periódico, o médico e jornalista Paganini Nobre Mota, mas não obtivemos sucesso. Em busca de preencher estas lacunas que o jornal deixava sobre o torneio, recorreremos a outras fontes, como produções acadêmicas locais, acervos bibliotecários e informações de um portal local de internet.

O tratamento dos dados foi realizado por meio da análise documental. Estas notícias foram organizadas a partir da cronologia deste período, compreendendo a partir destas leituras os significados do jogo nesta década.

## **Dialogando com os estudos futebolísticos nordestinos**

Os estudos que tematizam o futebol como objeto de pesquisa nas ciências humanas e sociais vêm produzindo resultados importantes para área. As regiões sul e sudeste historicamente condensam estas produções. Todavia, iniciativas importantes que deslocam esse eixo para as regiões mais distantes dos centros urbanos, para lugares interioranos também sinalizam seus avanços. É neste sentido que realizamos uma busca por estas iniciativas, que tivessem como foco a região Nordeste e pudessem na medida do possível estabelecer relações com o BAPE, contribuindo para nossas reflexões e alargando o panorama futebolístico mais distante das metrópoles e da grande mídia.

Destacam-se trabalhos de Artur Vasconcelos e Domingos Abreu (2015) que retratam a identidade nordestina a partir da cobertura de um campeonato futebolístico nordestino por um canal de TV fechado no estado do Ceará, a *TV Esporte Interativo*, tendo o objetivo de identificar quais elementos de identidade nordestina são acionados pelo *Esporte Interativo*, bem como compreender a análise do canal sobre seu futebol; este mesmo autor, Arthur Vasconcelos (2011; 2014) estudou também a bifurcação clubista no nordeste a partir da ideia de campo do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Compreendendo bifurcação clubista, como a cultura de torcer por uma agremiação local, e outra do futebol midiático, na sua maioria da região sudeste do país.

Joseane Silva e Ana Maria Rodrigues (2015) desenvolveram o olhar jornalístico sobre o futebol no Piauí a partir de dois impressos, tendo o campeonato piauiense de 2013 como objeto do estudo, na tentativa de despertar nos leitores/torcedores o interesse por este futebol; a autora Giovanna Marques (2011) abordou o futebol e sua sociabilidade na cidade de Campina Grande-PB, com o objetivo de compreender como um clube futebolístico local se tornou popular. A pesquisa de Coriolano Junior e Fernando Santo (2011) aborda o futebol em Salvador com o objetivo de identificar formas e sentidos de sua chegada à cidade e analisar sua trajetória e construção como prática social, entre 1899 e 1920. Nelson Neto (2011) discutiu a história do futebol em Salvador com o objetivo de apresentar a prática do futebol amador fora de sua "invisibilidade" midiática.

Rosângela Pimenta (2009) apresentou o futebol de várzea no interior do Ceará na perspectiva do lazer, trazendo o jogo das regras e a dinâmica figuracional em Norbert Elias. Os estudos de Cleber Dias (2012), considerando a historiografia brasileira sobre o futebol, dissertaram sobre a ausência de estudos sobre o tema em determinados territórios nacionais, neste caso o Sertão. Este mesmo autor em parceria com Roberto Pires e Marcos Leite (2014), analisou a história e a memória do esporte em Jequié-BA, utilizando como fontes documentos do Museu Municipal, do Jequié Tênis Clube (JTC) e entrevistas com esportistas e familiares.

Estes estudos delineiam perspectivas relevantes para o futebol no Sertão ou na região Nordeste, nos levando mais uma vez a reparar a ausência ou presença ainda tímida destas investigações no Vale do São Francisco e especificamente do Sertão Médio do São Francisco. O futebol vivenciado no Sertão apresenta, nos poucos estudos encontrados, uma forma diferenciada

de vivenciar este esporte. Construiu-se a margem das grandes narrativas que se projetaram no país, revelando a pouca atenção ao futebol que se desenvolvia longe dessas regiões. Ao relatar as peculiaridades do futebol amador como lazer no Sertão, Pimenta (2009) chama a atenção para uma

Característica importante que os distingue dos jogos que ocorrem no meio urbano, pois se neste espaço os jogos dos times reforçam os laços de identificação com a comunidade - e claro, momentos de lazer e descontração, principalmente entre os homens - no meio rural, os jogos, sejam eles de campeonatos ou apenas jogos amistosos, convertem-se numa “festa” que envolve não apenas a díade jogadores-torcedores, mas também a maioria dos membros da família dos jogadores e diretores.

Os estudos de Cleber Dias (2013) a respeito das relações entre esporte e cidade clarificam este contexto:

Cidades às vezes distantes do que se supõe o centro irradiador de um ideário de progresso, pouco ou nada urbanizadas, conheceram também, ainda que à sua maneira, uma sociabilidade ligada aos esportes. Isso difere, portanto, da imagem de isolamento, que tão caracteristicamente marca as representações sobre o sertão brasileiro (DIAS, 2013, p.3).

Este cenário nos estimula a pensar o futebol nestes espaços, como possibilidade de dar visibilidade a essas práticas, bem como demarca a importância e o ineditismo da iniciativa de se estudar o futebol amador no Sertão do São Francisco.

## **Os antecedentes do BAPE**

Do ponto de vista histórico, o BAPE é fruto de uma cultura esportiva e, sobretudo futebolística, extremamente rica de significados compartilhados entre estas duas cidades. Na década de 1970, período em que os jornais demarcam seu início, o futebol amador encontrava-se bastante estruturado nesta região, com ligas esportivas de ambas as cidades já estabelecidas, a Liga Desportiva de Juazeiro-BA (LDJ) e a Liga Desportiva de Petrolina-PE (LDP). Estas ligas possuem longa data desde a inauguração de seus trabalhos com o futebol regional. A liga desportiva de Petrolina-PE foi fundada em 1948, tendo Januário Alves como o responsável, enquanto a liga de Juazeiro-BA é mais antiga, criada em 28 de março de 1923 (GUIMARÃES, 2013).

O surgimento destas entidades pode estar associado ao desejo de uma melhor organização para os campeonatos, e desta forma os clubes preocupavam-se em organizar ligas, para que estas assumissem a gestão dos eventos esportivos, com uma maior eficácia na realização de amistosos e campeonatos. Estudos inclinados ao início da organização futebolística profissional no Brasil podem consubstanciar melhor esse contexto no âmbito amador, aprofundando-se nas origens, uma vez que o amadorismo historicamente espelhou-se no futebol profissional:

A organização esportiva tendo como base a criação de ligas foi um movimento constante em fins do século XIX e início do século XX em todo o mundo, não estando o Brasil distante deste processo. As ligas esportivas podem ser compreendidas como instituições responsáveis pela administração dos interesses dos clubes das diferentes modalidades, atuando como normatizadoras das práticas através de regras impostas (e aceitas) pelas equipes integrantes das ligas. O aceite por parte dos clubes das determinações com relação à organização dos campeonatos, sistemas de promoção e rebaixamento eram partes fundamentais para o efetivo funcionamento destas instituições (CANCELA; MATURANA, 2012, p.11).

Nesta década de 1970 a LDJ era formada principalmente pelas equipes do Barro Vermelho, o Veneza futebol Clube, o Olaria Esporte Clube, Carranca Esporte Clube, Associação Atlética XV de Novembro, América, Juazeiro Esporte Clube e Colonial, e a LDP pelos times Sociedade Esportiva do Palmeiras, Caiano e Ferroviária. Uma matéria relatou a origem da fundação de alguns desses clubes:<sup>4</sup>

Olaria Esporte Clube – Fundado em 02 de Julho de 1937;  
Veneza Futebol Clube – Fundado em 19 de Abril de 1919;  
Carranca Esporte Clube- Fundado em 04 de Outubro de 1967;  
Juazeiro Esporte Clube- Fundado em 12 de Setembro de 1930;  
Associação Atlética XV de Novembro- Fundada em 15 de Novembro de 1956.<sup>5</sup>

Esta mesma reportagem trazia o entusiasmo da região pelos acontecimentos futebolísticos:

O ano de 1972 foi dos mais quentes. Enquanto eram efetuados os serviços de restauração do Estádio Adauto Moraes, com ampliação de arquibancadas, túneis, alambrado e grama, os clubes juazeirenses Olaria Veneza e Carranca disputam o segundo torneio Joalina [...] já agora cognominado torneio Bahia-Pernambuco.

Quanto à chegada do futebol a Petrolina-PE, registros indicam que foi um funcionário público dos Correios chamado Brás da Silva, o responsável pela iniciação desse esporte, no ano de 1920.

Conduzindo os malotes dos correios entre Juazeiro e Salvador, tornou-se muito conhecido e convidado a assistir partidas de futebol em Alagoinhas-BA e Salvador, se entusiasmou e sonhou

---

<sup>4</sup> Uma reportagem divulgou informações sobre a fundação dos demais clubes, com exceção da agremiação Ferroviária: Barro Vermelho Futebol Clube Fundado em 1978; América Futebol Clube, fundado em 3 de abril de 1956; Palmeiras Esporte Clube, fundado em 7 de setembro de 1949 e Caiano Futebol Clube, fundado em 1968 (Augusto Moraes. Esportes, Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 18 jul. 1978, Ano I, p.47).

<sup>5</sup> Otoniel Queiroz. Futebol da região, Tribuna do Povo, Juazeiro, 14 jul. 1973, Ano XII, p. 8.

em construir um campo de futebol em sua terra (BRITO, 1995, p. 15).

Em seguida, mandou limpar um terreno de Várzea,<sup>6</sup> fez a marcação e as partidas começaram. Com o tempo, os times foram se formando, despontaram o Guarani, Leão do Norte e o Petrolina; em 1924 foi fundado pelos ferroviários locais o Ipiranga Futebol Club (BRITO 1995).

Em Juazeiro-BA, o esporte bretão se organiza no período de 1915 a 1920, e tem como responsável Adolfo Bonfim, empregado dos Correios. Guimarães (2013) afirma que o primeiro campeonato municipal desta cidade aconteceu por volta do ano de 1922, prosseguindo pelos anos seguintes. Assim, se destacaram as equipes Juazeirenses Fluísco, XV de Novembro, Juventus, América, Carranca e, principalmente, Olaria e Veneza.

### **Um futebol amador, um ritual: os significados do BAPE**

Por meio destas matérias, foi possível caracterizar o futebol vivenciado no BAPE a partir da proposta de Arlei Sander Damo (2007) quando reconhece que diante da multiplicidade de práticas futebolísticas desenvolvidas na atualidade, a terminologia futebóis seria mais adequada. Estas matrizes são apresentadas a partir de uma estrutura comum que as definem enquanto práticas futebolísticas. A estrutura ou “unidade futebolística” caracteriza-se por ter: duas equipes, o princípio do conflito, um objetivo, e um conjunto de regras. A partir desta unidade os futebóis podem ser agrupados em quatro matrizes, a saber: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. Por ser pensado a partir da flexibilidade do modelo profissional ou espetacularizado de futebol, e possuir uma forte organização popular, o BAPE se caracterizava como futebol comunitário, amador ou varzeano.

Os estudos de Myskiw e Stigger<sup>7</sup> (2014) apresentam dois modelos para compreendermos estas organizações internas do futebol. O primeiro inclina-se para o futebol profissional, denominado “mais próximo do profissional” e o segundo mais distante é chamado de “aqui é a várzea”. As ligas do BAPE se inclinavam para o segundo modelo, em razão de ser um futebol inspirado no circuito profissional.

---

<sup>6</sup> Este campo se localizava onde hoje existe o prédio do SESC (Serviço Social do Comércio) no centro comercial da cidade.

<sup>7</sup> Consideramos as devidas especificidades, uma vez que este estudo está situado em Porto Alegre-RS, uma cidade de grande porte, quando comparada as cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Dado a relevância desta contribuição para os estudos futebolísticos na área do lazer, decidimos manter este diálogo.

**Figura 1.** Notícias sobre as partidas do BAPE



Fonte: Tribuna do Povo, 22 abr. 1973.

**Figura 2.** Notícias da cena esportiva local e o BAPE



Fonte: Jornal de Juazeiro 15-18 mar. 1979.

Além da sua natureza amadorística, o BAPE também pode ser percebido como um ritual. Esta compreensão recai nos estudos de Damatta (1990), ao entender um ritual enquanto uma prática social engendrada por uma coletividade no seu cotidiano, deflagrando uma complexa rede de significados. Neste aspecto, um jogo de futebol se caracteriza enquanto um evento dramático, com embates entre equipes que representam nações ou clubes que dramatizariam os sentimentos de identidade e de pertencimento (DAMATTA, 1990). Aqui, representavam cidades e seus clubes amadores que mesmo separados geograficamente, intercambiavam a partir de suas identidades regionais baiana e pernambucana, interesses em comum.

Neste aspecto, dramatizar é chamar a atenção para as relações, valores ou ideologias que formam o conjunto da vida diária, ou seja, o ritual e o drama

seriam uma oportunidade através da qual uma dada população conta a sua história. Segundo o autor:

O ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e nacional. Daí as comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, em que a dialética da competição individualista acaba por formar uma totalidade englobada por quem sai vitorioso (DAMATTA, 1990, p.33).

Em síntese, o ritual é um traço distintivo da dramatização, pois possibilita condensar algum aspecto ou evento, e também potencializá-lo por meio da sua exposição. Neste sentido

As comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, onde a dialética da competição esportiva acaba por formar uma totalidade englobando por quem sai vitorioso e assim ‘come’, ‘papa’, ‘engole’ o adversário e toda a disputa. Isto é, engloba na vitória os outros indivíduos, passando a expressar o campeonato (DAMATTA, 1990, p. 28).

Como um ritual, o que o BAPE revelava naquele contexto? Quais valores ele procurava evidenciar naquele momento histórico e social? No cotidiano destas cidades na década de 1970, outros eventos esportivos aconteciam, como os campeonatos municipais, tanto o campeonato de Juazeiro-BA ou juazeirense com suas equipes, como o campeonato de Petrolina-PE ou petrolinense, também com suas agremiações. Uma reportagem se referiu a campeonato de Juazeiro: “O campeonato juazeirense de 1973 chegou ao final no último domingo com a sensacional decisão Veneza X Olaria. Entrando em campo com a vantagem de jogar só pelo empate o time do Veneza foi mais além e conseguiu uma expressiva vitória”.<sup>8</sup> Outra matéria do ano de 1977 se reportou com entusiasmo a presença de Juazeiro no ano de 1968, em um “tradicional torneio intermunicipal, promovido todos os anos pela Federação Baiana de Futebol”.<sup>9</sup>

Quando o BAPE é gestado pelas ligas esportivas das duas cidades, um jogo ritual se materializa, diferenciando-se dos demais que já ocorriam, pois se organizou com a perspectiva de demarcar a atenção para um aspecto cultural específico: pela primeira vez na região, partidas de futebol amador colocaria em campo duas equipes que representavam cidades diferentes, cujas identidades se alimentam mutuamente pelas relações históricas e proximidades geográficas.

Tais partidas suscitaram valores significativos no plano cultural e esportivo para aquele recorte histórico: o BAPE reforçou o capital futebolístico amador de Juazeiro e Petrolina e ritualizou nestas disputas sentimentos de vizinhança e rivalidade entre seus habitantes. Um dos rituais era atravessar

<sup>8</sup> Otoniel Queiroz. Futebol de Juazeiro. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 31 mar. 1974, Ano XIII, p. 8.

<sup>9</sup> Augusto Morais. Esportes. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 13-15 mai. 1977, Ano III n° 129, p.6.

a ponte ao sábado ou domingo e torcer pelo seu time, sua cidade ou identidade regional. Se a tabela indicava que o jogo era em Petrolina, os juazeirenses faziam o percurso até o estádio da Associação Rural;<sup>10</sup> o contrário, os petrolinenses dirigiam-se a outra margem do rio, até o estádio Aduauto Morais.<sup>11</sup>

Destarte, o rito esportivo chegava ao fim, delegando a vitória a umas destas cidades, que naquele momento desfrutava uma supremacia: o vencedor seria um futebol amador e sertanejo que possuía uma identidade demarcada por um território baiano ou pernambucano.

Diante disto, percebemos o quão forte era a tradição do futebol naquela região, se intensificando nesta década de 1970. A rotina das partidas do BAPE já ecoavam naquele jornalismo, assim como a identificação de seus feitos, símbolos e craques:

Pela quantidade de pênaltos que defendeu, e pela maneira como se comportou no torneio, o arqueiro Costinha do Olaria, foi considerado o craque do torneio. Outra sensação do Torneio foi o garoto Celso, do Veneza. Caminha a passos largos para se tornar um grande craque do futebol juazeirense. O time Olariense estreou no festival no dia 1º, um bellissimo uniforme que prendeu a atenção dos torcedores no Aduauto.<sup>12</sup>

Mesmo estas fontes não evidenciando relações diretas entre o futebol amador da região e o cenário futebolístico nacional, inferimos que este contexto também foi fruto do próprio momento pelo qual passava o futebol brasileiro. A Copa do Mundo de futebol de 1970 foi bastante emblemática no sentido de reforçar os laços entre futebol e identidade nacional (SALVADOR e SOARES, 2009).

Estas matérias jornalísticas apontaram como a época auge do futebol amador nestas cidades, o tempo “do futebol arte”, em que os jogadores e dirigentes se envolviam com bastante afeto ao time. Nenhuma reportagem mencionou mobilizações em torno do BAPE nos anos de 1970 e 1971, mas uma matéria do ano de 1973 faz menção a sua realização em 1972 tendo a agremiação do Olaria Esporte Clube como campeã.

Parabéns ao Olaria pela maneira como se conduziu no Torneio Bahia-Pernambuco, se bem não conquistando o bi-campeonato, pois foi o campeão do ano passado, chegou à vice com uma bela campanha. Tudo isso pelo bom entendimento que sempre reinou entre os seus dirigentes.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Fundado em 1961, hoje é conhecido como estádio Paulo de Souza Coelho (GUIMARÃES, 2013)

<sup>11</sup> Até o ano de 1926 os jogos de futebol em Juazeiro ocorriam sobretudo em um campo denominado Coliseu. A inundação do rio São Francisco deste ano paralisou a atividade futebolística e então surgiu a ideia de construir outro campo. Assim, em 12 de setembro de 1930 surgiu o Estádio Aduauto Morais em homenagem a este desportista, que se eternizou na memória esportiva local entre as décadas de 1930 a 1950. O estádio é também conhecido como Aduauto e Juazeiro Esporte Clube (DOURADO, 1982).

<sup>12</sup> Otoniel Queiroz. Olaria de títulos inéditos. Tribuna do Povo, Juazeiro, 07 abr. 1973, Ano XIII. p. 8.

<sup>13</sup> Otoniel Queiroz. Esporte. Tribuna do Povo, Juazeiro, 07-14 jul. 1973, Ano XIII, p.8.

Em 1973 a equipe Juazeirense do Carranca Esporte Clube vence o torneio, e uma matéria refletia aquele momento:

No dia 1º de abril, o time alvinegro conseguiu mais um título extra e brilhante de “campeão do quadrangular Bahia-Pernambuco”, envolvendo equipes de futebol juazeirense e petrolinense. Mais um título que foi para sua coleção. Foi uma tarde festiva para o futebol da região, proporcionada por Olaria, Veneza, Carranca e América de Petrolina, com o estádio Adauto Moraes recebendo um público numeroso que começou a vibrar as primeiras horas da tarde ensolarada de 1º de abril.<sup>14</sup>

Esse clima amistoso foi interrompido a partir de proposições de alteração do número de equipes a participar da edição de 1974, e em meio à polêmica o certame não se concretizou. O jornalista Augusto Moraes em 1975 argumentou,

Desse modo vamos os senhores dirigentes, começar a “armar os esquemas” para a disputa do BAPE edição 1975, reunindo, de preferência, três equipes de cada cidade, como nos torneios realizados em 72-73; não modificando as regras impostas naquelas épocas, como foi tentado em 1974, que deixou de ser realizado devido às disputas em querer se colocar mais equipes.<sup>15</sup>

Esta mesma matéria fez também referência aos torcedores com suas emoções e expectativas para o BAPE, além de evidenciar sua logística: acontecer no intervalo entre os campeonatos municipais:

Então, como o futebol petrolinense está em recesso no que tange a jogos oficiais e talvez continue assim até a metade do ano, os homens que dirigem as principais equipes das duas ligas desportivas deveriam, desde já, planejar, discutir e voltar os seus pensamentos, na possibilidade do aproveitamento do período vago, compreendido de maio a junho, para a disputa do torneio denominado BAPE, o qual desde o ano de 1972 foi o que melhor ofereceu aos clubes em termos de rentabilidade financeira e, aos torcedores, as melhores emoções por reunir as maiores forças futebolísticas de Juazeiro e Petrolina.

Nenhuma informação da edição de 1975 e 1976 foi observada, em 1977 e 1978 encontramos comentários sem consistência da sua efetivação. Todavia, uma matéria registra sua realização em 1979, quando da impossibilidade de jogos que seriam promovidos pela liga desportiva juazeirense em razão de enchentes do rio São Francisco:

---

<sup>14</sup> Otoniel Queiroz. Olaria de títulos inéditos. Tribuna do Povo, Juazeiro, 07 abr. 1973, Ano XIII, p. 8.

<sup>15</sup> Augusto Moraes. O BAPE deste ano. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 15-16 mar. 1975, Ano I, n. 50, p. 8.

Para que os torcedores não fiquem privados totalmente do seu esporte predileto, e principalmente para que todos possam se descontraír um pouco nestes momentos de apreensão, a liga desportiva juazeirense deliberou reativar o torneio BAPE programando para este domingo, no Adauto Moraes, o confronto entre as equipes do Carranca e do Juazeiro [...] É um jogo bom, de caráter decisivo as pretensões de ambos na conquista deste torneio, uma vez que, o perdedor, ficará automaticamente alijado do troféu desta importante competição.<sup>16</sup>

Eram nas reuniões da LDJ e LDP que o BAPE era estruturado, e as diretrizes definidas nas articulações entre as ligas deveriam ser seguidas pelas duas cidades, era onde se deliberavam as ações. Estas reuniões sempre foram espaços de disputa, um território contestado por aqueles que faziam o BAPE acontecer. Estavam em jogo às tabelas, horários de jogos, número de equipes, contratação de jogadores, divisão de bilheteria, formas de disputa, transporte de agremiações, escalação de arbitragem, segurança nos estádios, definição dos estádios aonde os jogos aconteceriam, entre outras coisas.

As contribuições de Guimarães (2013) sinalizam peculiaridades da liga de Juazeiro, quando afirma que na “década de 1970, período opulento de sua história”, a liga vicejava certa autonomia financeira. “A LDJ era organizada e autossustentável. Segundo o ex-jogador e ex-presidente da Liga Paulo Santana, mais conhecido como Paulo Mandinga, à entidade tinha tanto dinheiro que um presidente andava com talões de cheques distribuindo para o povo” (GUIMARÃES, 2012). Um período como este não foi identificado com a liga desportiva de Petrolina, mas dados relacionados ao seu crescimento quantitativo e capilaridade no futebol desta cidade, sim:

A liga desportiva petrolinense, funcionando até 1972, com apenas 6 filiados, hoje conta com 8 associações escritas e participando dos campeonatos e certames diversos promovidos pela mentora [...] Sob a coordenação da LDP, mas atividade autônoma funciona também um departamento de futebol juvenil, com 4 clubes filiados e campeonato em ação.<sup>17</sup>

Sobre estas entidades é preciso também pontuar suas relações com os órgãos maiores na hierarquia do futebol estadual, ou seja, seus diálogos com as federações baiana e pernambucana de futebol. Nos impressos é a liga de Juazeiro que ganha visibilidade, pois mantinha profícuas relações com a Federação Baiana de Futebol-FBF. Este ano foi emblemático para a proximidade da LDJ e FBF. Guimarães (2012) relata que a “Liga Desportiva Juazeirense conseguiu trazer João Havelange a Juazeiro-BA, devido à importância do futebol amador da cidade”. Vasco da Gama, Flamengo e Botafogo também estiveram no município para jogar contra os times amadores de Juazeiro-BA. Uma matéria expressou:

<sup>16</sup> Augusto Morais. Agenda esportiva. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 15-18 mar. 1979, Ano II, n. 20, p. 6.

<sup>17</sup> Augusto Morais. Sessão esportiva. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 21-24 nov. 1978, Ano II, n. 40, p. 6.

Agora estamos aí, a chamado novamente da Federação Baiana de Futebol, para participar de torneio<sup>18</sup> que reúne os campeões e vices de 1976, das cidades interioranas da Bahia, tudo com um bom sinal de organização, sentido de perfeição e objetividade, demonstrados já pelo atual comandante da FBF que se propõe, inclusive, a olhar com mais carinho o interior e fazer de fato a perfeita integração do futebol baiano.<sup>19</sup>

Nas matérias, não foi encontrado referências às articulações da liga desportiva de Petrolina com a Federação Pernambucana de Futebol-FPF. Estas questões refletem o significado destas ligas para este cenário esportivo, sem a presença destas instituições legitimadas pelos protagonistas e consumidores deste futebol, sua história não seria a mesma. Fica evidente pelas fontes o potencial e acúmulo da liga esportiva de Juazeiro, quando comparada à de Petrolina.

Quanto à dinâmica da competição inferimos pelas matérias que a começar pelo período do ano em que a competição acontecia, não foi identificado um mês sistemático para sua realização, mas todas as edições nesta década aconteceram no decorrer do primeiro semestre. Sua realização não aparece nesta imprensa associada a uma data específica ou atrelada a festividades culturais ou religiosas. Neste sentido, o torneio era constituído por dois grupos, o primeiro composto por equipes que obtiveram os melhores resultados no campeonato local do ano anterior, e o segundo grupo pelo restante dos outros clubes. Os jogos aconteciam nos fins de semana, ambos em rodada dupla. Petrolina e Juazeiro entravam na disputa com o número igual de equipes, que correspondia a seis.

Definido os grupos, o regulamento determinava que o primeiro e o segundo colocado do primeiro grupo ou grupo A, e o primeiro e segundo colocados do segundo grupo ou grupo B, fariam um confronto direto de caráter eliminatório. Nessa disputa, se o resultado fosse um empate, o jogo seguia na prorrogação de trinta minutos, e se isto não bastasse, finalizava-se com tiros diretos. Os dois vencedores do quadrangular decidiriam em duas partidas na melhor de três pontos, sendo a primeira no campo da equipe que fez a campanha mais inferior ao longo do torneio, e a decisão no campo da equipe com a melhor campanha também ao longo do torneio. Estes dois finalistas eram necessariamente uma agremiação de Petrolina e uma de Juazeiro.

Estas partidas aconteciam aos sábados e domingos, em dias institucionalizados como sendo destinados ao lazer, ao tempo livre que tem no povo um referencial de ocupação seja vivenciando ou assistindo. Terminou por se tornar um espaço de liberação das tensões que a realidade não permite. Esta experiência do futebol enquanto lazer se revela:

Quando um indivíduo pratica-o e/ou assiste-o, esse vai muito além da sua prática e da assistência, assumindo diferentes sentidos e significados: na rua que vira campo, no gol que vira

<sup>18</sup> Refere-se ao evento futebolístico torneio interclubes, uma iniciativa da Federação Baiana de Futebol que reunia somente times do estado da Bahia.

<sup>19</sup> Augusto Morais. Esportes. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 13-15 mai. 1977, Ano III, n. 129, p. 6.

vitória, na narração que vira história, nas camisas que viram mantos, nos nomes que viram pseudônimos dos ídolos e craques, nos palavrões que viram incentivos, nas comemorações coletivas que viram amizades, dentre outros (LAGES e SILVA, 2012).

Os dirigentes esportivos ocuparam boa parte do jornal de Juazeiro, revelando peculiaridades e suas relações em campo. Significaram parte essencial à competição, ora expostos aos olhares de todos em campo, ora nos bastidores do BAPE.

Suas ações tinham por base uma relação afetuosa com seu time, existiam sentimentos de amizade e familiaridade que se mesclavam aos compromissos profissionais de projetar suas equipes aos melhores resultados, herdavam muitas vezes a paixão pelo seu time da tradição familiar.

Situados em um futebol amador, os dirigentes do BAPE procuravam manter as tradições do clube, atuando como um prestador de serviços para este futebol e sendo, em certo sentido, credor do trabalho dos jogadores. O acompanhamento desta imprensa as atividades dos dirigentes também tratados como diretores era constante. Seus méritos e críticas foram publicados:

O Olaria pela maneira como se conduziu no torneio Bahia-Pernambuco, se bem não conquistando o bicampeonato, pois foi o campeão do ano passado, chegou a visse com uma bela campanha. Tudo isso pelo bom entendimento que sempre reinou entre seus dirigentes.<sup>20</sup>

Tudo, exceto providências dos diretores de agremiações que pensavam exclusivamente em competir, em festas esportivas, em triunfos. Abusaram perdulariamente, da época das vacas gordas. Nunca pensaram em aproveitar a maré favorável para estabelecer bases estruturais. O negócio era gastar pra fazer festas esportivas. Até que veio a estafa. Os bolsos se esvaziaram, as tesourarias pararam.<sup>21</sup>

Desta forma os dirigentes esportivos assumiam as tarefas de representar e defender os interesses de sua agremiação juntamente com as ligas e entre as outras equipes, captar recursos privados para suas necessidades e dialogar também com o setor público para garantir a execução do certame. Este “profissionalismo” envolvido pelo amadorismo era muitas vezes poroso, e algumas matérias não explicitavam essas relações de trabalho ou contratos, mas sinalizavam sua existência:

A saída do atleta Dino, do Veneza para o Olaria, ainda continua sendo sentida por alguns dirigentes azulinos. Depois dos últimos 3x0 postos pelo Olaria no time azulino, alguns dirigentes do Veneza foram familiares do jogador a fim de

<sup>20</sup> Otoniel Queiroz. Futebol na região. Tribuna do Povo, Juazeiro, 14 ago. 1973, Ano XII, p. 8.

<sup>21</sup> Vinicius Santana. Esportes: futebol de Petrolina. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 15 jun. 1978, p. 9.

intercederem para a sua volta ao time azulino no futuro. Mas, ao que se sabe, obtiveram resposta negativa.<sup>22</sup>

Em algumas matérias foi possível perceber um acirramento entre as equipes de Petrolina e Juazeiro, onde era preciso demarcar a superioridade de uma sobre a outra em campo. Sobre a equipe de Juazeiro Olaria foi publicado:

“Sabemos nesses dois anos das conquistas magníficas do Olaria, campeão do BAPE em 1972, Taça sequentenário da independência [...] vice-campeão BAPE 1972 e que há mais de dois anos não perdia pra qualquer time de Petrolina”.<sup>23</sup>

Ao mesmo tempo, esse acirramento era permeado como afirma a reportagem pelo entrelaçamento de suas cidades: “Por outro lado, nos anos de 1972 e 1973, quando das disputas do BAPE, em que foram campeões Olaria e Carranca, respectivamente, o resultado mais importante foi o entrelaçamento das duas cidades”.<sup>24</sup>

### **Considerações finais**

O BAPE da década de 1970, de acordo com estas fontes aconteceu nos anos de 1972, 1973 e 1979. Devido às atividades deste jornal terem início em 1972, não obtivemos nenhuma informação sobre os anos de 1970 e 1971. Como afirmamos por problemas organizacionais o certame não foi realizado em 1974; de 1975 a 1978 não identificamos nas matérias concretude de sua efetivação.

Neste contexto, o BAPE significou uma expressão do futebol regional, com a singularidade e ineditismo de ser o primeiro evento futebolístico organizado por ligas esportivas que colocava em campo confrontos entre as agremiações de Juazeiro e Petrolina. O BAPE acontecia no intervalo de tempo entre os campeonatos municipais de Juazeiro e Petrolina. Quando estas competições terminavam, as agremiações, jogadores, torcedores e admiradores do futebol ficavam sem uma opção de lazer no âmbito esportivo, provocando uma ociosidade nestes atores.

No BAPE as emoções eram potencializadas pela sua proposta de opor em campo os futebolistas destas cidades. Além das rivalidades naturais entre as equipes, a disputa agora não envolvia somente a representação de um time, mas a de toda uma cidade. O BAPE era o espaço onde seria comprovado quem detinha o melhor futebol da região.

Em síntese, afirmamos que o BAPE na década de 1970 significou um período demarcado pelo seu surgimento na cena esportiva e na agenda de lazer local. Este futebol foi praticado no contexto da vivência lúdica de atores sociais que construíram suas equipes amadoras e as investiram de significados. Constituíram-se verdadeiros espaços de sociabilidade. Foi

<sup>22</sup> Otoniel Queiroz. Futebol na região. Tribuna do Povo, Juazeiro, 22 abr. 1973, Ano XII, p. 8.

<sup>23</sup> Otoniel Queiroz. Futebol de Juazeiro. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 24 fev. 1974, Ano XII, p. 8.

<sup>24</sup> Augusto Morais. O BAPE deste ano. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 15-16 mar. 1975, Ano I, n. 50, p. 6.

gestado em uma época cara para o futebol nesta região, como registra o saudosismo do jornalista:

Meu passado prático de futebol de Petrolina remonta a 1970, 1971, quando esse atingiu o auge da vibração popular, com as célebres disputas de campeonatos, nas quais se sobressaíam América e Caiano, arrastando ao estádio da Associação Rural verdadeira massa de torcedores, cujo número se fosse computado hoje pelo preço do ingresso atual, dariam somas extraordinárias nas arrecadações de cada partida, Naquela ocasião, ele atingiu também o cume da técnica.<sup>25</sup>

Vivenciado no tempo livre ou liberado, este tipo de futebol representa uma ocasião para, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garante a rede básica de sociabilidade (MAGNANI, 1996). O BAPE nesta década significou a aceitação, o entusiasmo e envolvimento desta população com a iniciativa, fazendo com que estes habitantes vivenciassem um futebol amador no tempo social do lazer, comparecendo nos seus estádios. O evento inaugurou um espaço no âmbito esportivo de encontro que colocava em campo a disputa pela afirmação de significados construídos sobre as cidades construídas às margens do Rio São Francisco no sertão do nordeste brasileiro.

### Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRITTO, Maria Creuza de Sá Y. *Petrolina: Origem, fatos, vida, uma história.* Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995, p.185.

CANCELA, Karina; MATURANA, Leonardo. Gestão do esporte militar no Brasil: uma análise histórica do primeiro modelo de gestão adotado pela liga de sports da marinha (1915-1919). *Revista Podium: São Paulo*, v. 1, n.2, p.129, jul./dez.2012. Disponível em:< [http:// www.podiumreview.org.br](http://www.podiumreview.org.br). Ace.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom a profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França.* São Paulo: Aderaldo e Rothschild Ed, Anpocs, 2007.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* 5ª edição. Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1990.

DOURADO, Walter de Castro. *Os esportes em Juazeiro Foot-ball Ano 100.* Revista Acervo da Biblioteca Municipal de Juazeiro-BA, 1982.

DIAS, CLEBER. *História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento.* Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

---

<sup>25</sup> Vinicius Santana. Esportes: futebol de Petrolina. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 15 jun. 1978, Ano II, p. 9.

(CNPq); Ministério de Ciência e Tecnologia; Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (Rede Cedex). Ministério do Esporte. 2012. Disponível em: [https://www.upo.es/revistas/index.php/materiales\\_historia\\_deporte/article/viewFile/532/682](https://www.upo.es/revistas/index.php/materiales_historia_deporte/article/viewFile/532/682).

\_\_\_\_\_, CLEBER. Esporte e Cidade: balanços e Perspectivas. *Revista Tempo*, vol. 17 n. 34, Jan. – Jun. 2013: 33-44. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wpcontent/uploads/2013/06/v17n34a04.pdf>.

GUIMARÃES, Raiane. *Do estádio aos campos de várzea: A prática do futebol amador em Juazeiro Bahia*. Juazeiro-BA: Lugori, 2013.

\_\_\_\_\_, Raiane. O futebol Amador em Juazeiro Bahia. *AgênciaCh*, 2012. Disponível em: <http://www.agenciach.com.br/o-futebol-amador-em-juazeiro-da-bahia/>. 2012. Acesso em: 09 de jun. 2017.

JUNIOR, Coriolano Pereira Rocha; SANTO, Fernando Reis do Espírito. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 79-95, jul/set de 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/17683/17737>.

LAGES, Carlos Eduardo Dia; SILVA, Ricardo da Silva. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. *Licere*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.8 mar/2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/738/539>.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. Lazer e identidades: Retratos etnográficos num circuito de futebol. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte1, v. 1, n. 1, p.68-84, jan./abr. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; MORGADO. Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, N. 24, 1996, p.10. IPHAN – Ministério da Cultura.

MARQUES, Geovanna Lopes. *Quem nasce em campina grande é campinense: futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965)*. 2011. 221 f. Dissertação( mestrado em ciências humanas). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

NETO, Nelson de Oliveira. *Mapa dos gols: mapeando histórias e imagens do futebol amador soteropolitano*. 2011. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador.

PIMENTA, Rosângela. *Futebol amador na cidade e no Sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana*. XII Simpósio internacional Processo Civilizador. Recife, Brasil, 2009. Disponível em: [http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/aais/anais12/artigos/pdfs/mesas\\_redondas/MR\\_Pimenta.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/aais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Pimenta.pdf). p.110-111.

PIRES, Roberto Gondim; DIAS, Cleber; LEITE, Marcos César Meira. História e memória do esporte em Jequié. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Artigo volume 7, número 1, janeiro-junho de 2014, p. 1-23. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/124>.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Autores associados, 2009.

ORTEGA, A. C.; SOBEL, T.F. *Estratégias de Desenvolvimento Territorial: o caso do Polo Petrolina-Juazeiro*. In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/945.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

SALLES. J.G.C. Futebol: Um lazer mágico da cultura brasileira. *Motus Corporis*, v. 5, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/futebol-um-lazer-magico-cultura-brasileira>.

SILVA, Josiane de Sousa; RODRIGUES, Ana Maria da Silva. *Jornalismo esportivo e futebol: estudo comparativo da abordagem do Campeonato Chevrolet Piauiense 2013 pelos jornais impressos locais “O Dia” e “Meio Norte*. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal -RN –2015 . Disponível em: [www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2505-1](http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2505-1).

VASCONCELOS, Artur Alves; ABREU, Domingos. #O nordeste merece um #Nordestelivre: Futebol e identidade regional na TV Esporte Interativo. *Esporte e sociedade*. ano 10, n 24, Março 2015. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/biblioteca/onordestemerece-um-nordestelivre-futebol-e-identidade-regional-na-tv-esporte-interativo>.

VASCONCELOS, Artur Alves. *Identidade futebolística: os torcedores “mistos” no Nordeste*. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza..

\_\_\_\_\_, Artur Alves. “Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais”: Bifiliação Clubística no Nordeste. *Ponto Urbe, Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1441>.

Recebido em 22 de julho de 2020  
Aprovado em 08 de junho de 2021